



10º Simposio de Ensino de Graduação

VIVENDO E BUSCANDO A SUPERAÇÃO SOBRE RODAS: OFICINA DE APOIO PSICOSSOCIAL

Autor(es)

PATRICIA OLANDINI

Orientador(es)

MARIÁ APARECIDA PELISSARI

1. Introdução

O basquete surgiu no ano de 1891, criado por James Naismith, professor de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Springfield (estado de Massachusetts EUA). Somente no começo do século XX o basquete começou a mais conhecido e respeitado e atualmente é esporte praticado nos quatro cantos do mundo. Desde sua criação, muitas coisas foram modificadas, tais como: a medida da quadra, os materiais usados para os jogos (aros, bola) e algumas regras. Não só estas modificações foram feitas, mas no basquete, assim como em outros esportes, algumas adaptações aconteceram. Estas adaptações consistiram não apenas na mudança das regras, mas num esporte que possibilitasse a prática por deficientes físicos, que possuíam suas limitações, portanto, não conseguiam praticar o esporte devidamente como foi criado, por problemas de locomoção ou adaptação das regras. O basquete foi então adaptado para deficientes físicos dos membros inferiores, sendo denominado Basquete Sobre Rodas, e começou a ser praticado nos Estados Unidos, por ex-soldados do exército feridos durante a 2ª Guerra Mundial. O basquete em cadeira de rodas foi a primeira modalidade paraolímpica a ser praticada no Brasil, em 1958. Hoje é um dos esportes mais praticados por deficientes físicos e já se tornou mundialmente conhecido. O basquete em cadeira de rodas é um esporte para indivíduos portadores de deficiência permanente na parte inferior do corpo (paraplégicos ou tetraplégicos), amputados e portadores de seqüelas de poliomielite. O basquete adaptado, assim como outros tipos de esportes paraolímpicos, possibilitou a inserção (ou a reinserção social) e potencializou a capacidade de superação de deficientes que tiveram sua convivência social restrita por esta limitação. A prática do Basquete Sobre Rodas, torna-se uma porta de reentrada da pessoa com deficiência na sociedade, sendo que a maioria dos atletas se tornou deficiente após o nascimento, na infância ou já na fase adulta, e através do esporte adaptado muitos destes cidadãos retomam ideais e sonhos antes esquecidos, e principalmente o anseio do reconhecimento de suas histórias por meio do esporte. A pessoa com deficiência física, a despeito das limitações, possui as mesmas necessidades básicas de outra pessoa qualquer, diferenciando, apenas, quanto ao aspecto motor. Apesar das dificuldades no que tange à acessibilidade em nosso País, os portadores almejam ter sucesso, reconhecimento, aprovação e ser desejado. (MATTOS, 1994). No aspecto social, o esporte proporciona a oportunidade de socialização entre as pessoas, tanto para pessoas que possuem ou não uma deficiência. Para os portadores de deficiência, o esporte surge como uma possibilidade de reinserção social, buscando através dele, entrar em contato com outros indivíduos, partilhar de suas experiências e ser ativo novamente. O trabalho com portadores de deficiência nessa configuração de reinserção social, significa lidar com questões pessoais e perceber que cada indivíduo, a seu modo, está passando por um processo de superação, no qual o basquete é a ponte, mas também uma lacuna entre seu mundo interno e a sociedade. Isso, muitas vezes, consiste num processo muito delicado, envolvendo dificuldades em preencher esta lacuna que existe. Trabalhar com a acessibilidade através do esporte, é construir junto com o deficiente físico alternativas de interação social e de realizações que mostrem que apesar de suas limitações e adaptações, somos todos iguais, como cidadãos nos direitos e nos deveres.

2. Objetivos

Resgatar a interação social aos integrantes entre si e com outros não pertencentes ao grupo; Incentivar uma melhor convivência grupal

como equipe paradesportista; Identificar aspectos que os leve a respeitar a diversidade intragrupo e potencializar qualidades, valores e ações que fortaleçam a identidade coletiva e de equipe.

3. Desenvolvimento

A oficina de psicologia já é realizada há alguns anos com os atletas paradesportistas. A equipe tem se modificado a cada ano em termos de participantes e também na qualidade das relações e das interações. Inicialmente pensava-se o grupo como um espaço de reconhecimento mútuo e troca de experiências que antecedia aos treinos. Nesse momento a grande questão apresentada era a enorme dificuldade de ser acertar as diferenças por meio de conversas e diálogos. Havia muitas brigas e ressentimentos tanto dentro quanto fora da quadra. Aos poucos o grupo foi ganhando outras qualidades e houve um momento em que se percebeu um movimento progressivo da identidade de grupo, momento que se caracterizou pela passagem: de jogadores briguentos à atletas paradesportistas. Entretanto a questão da identidade de grupo implica em serem valorizados como atletas e por seu turno isso requer uma infraestrutura financeira especialmente no que respeita aos materiais para treino. Os recursos materiais contam muito nessa condição. A ausência deles não é impeditiva ao desenvolvimento de relacionamentos amigáveis, confiáveis e respeitosos. Entretanto para os atletas participarem dos jogos e vencerem os jogos, esbarram exatamente na ausência de recursos materiais. Tanto que muitos são trabalhadores, tem suas famílias e a participação no basquete adaptado significa, para boa parcela dos participantes, um momento de descontração das tensões do cotidiano. Já para outros consiste no sentido de viver. Atualmente, o grupo acontece às terça-feira das 18:00h às 19:00h, e conta com a participação dos que se apresentam no ginásio antes do treino, que gira em torno de 5 a 6 jogadores. As conversas foram realizadas dentro de quadra, com os jogadores e a estagiária de Psicologia. Quando ocorria a realização de alguma atividade, a mesma era também realizada dentro de quadra, contando com o espaço disponível, mesas e bancos que se adequaram à cada dinâmica trabalhada. Em determinadas situações houve a necessidade de um ambiente mais quieto e protegido, sendo então utilizada a sala de materiais. As conversas e as atividades foram conduzidas com a participação e fala de todos os presentes. Após as atividades realizava-se uma rodada de feedback durante o próprio encontro. Nessa, buscava-se compreender e avaliar o que havia acontecido. Essa conversa entre atletas e estagiária, procurando saber quais eram as impressões, emoções e sentimentos haviam emergido na situação foram muito importantes para que os participantes passassem a ouvir, opinar e buscar soluções para as dificuldades apresentadas, assim como perspectivar ações para modificar situações e relações conflituosas e desconfiadas que não promoviam desenvolvimento nem da equipe esportiva, nem do trabalho em grupo e nem proporcionavam ganhos que pudessem ser expandidos para a vida cotidiana pessoal. Após cada um dos encontros foi elaborado um diário de campo, como recurso de registro dos acontecimentos, em estilo narrativo. Essa narrativa teve como função mostrar o movimento apresentado pelo grupo, e destacar quais eram os momentos em que a equipe se encontrava. Estas narrativas foram apresentadas semanalmente em supervisão de grupo, compartilhando as informações do trabalho com demais colegas da área e com a supervisora do estágio. Através dos diários foi possível descrever não só fatos objetivos, mas também emoções, percepções, sentimentos e observações dentro do campo, levando à reflexão e conhecimento do trabalho desenvolvido e sendo possível planejar intervenções e condutas com o grupo, a partir do movimento no qual o grupo se encontravam. As transformações ocorridas no decorrer do trabalho, revelavam-se no processo da narrativa e tornou possível, após reflexão crítica, realçar e dar visibilidade às relações que continuavam estabelecendo entre si, quais mudanças haviam ocorrido e quais direções davam ao grupo, ao se relacionarem, se organizarem, se unirem, amadurecem.

4. Resultado e Discussão

Diante do trabalho desenvolvido, e tendo como referencial teórico as relações sociais e o movimento grupal, tal como proposto por REBOREDO(1995) analisou-se esse movimento, bem como os momentos vividos pelo grupo. Em ocasiões anteriores a equipe alcançara o momento do Juramento, pois já estavam juntos há algum tempo e com um estatuto que os represente. Todos os membros do grupo parecem ter consciência do objetivo do grupo, e o trabalho da equipe era voltado para atingir este objetivo. Isso não diminuiu os conflitos internos. Então, o grupo rapidamente passava de uma condição de fusão da serialidade para um mero agrupamento. Ao ganharem um jogo, rapidamente atingiam características de um grupo organizado e planejavam ações de expansão da equipe. Depois de algum tempo com eles, percebia-se a perda de significado de equipe, a dispersão se apresentou e alguns atletas saíram, o que fez com que as relações já estabelecidas entre eles também fossem se perdendo, e o objetivo inicial do grupo se tornasse confuso e sem direção. O comprometimento com os treinos, com as atividades postas pelos treinadores e com o preparo físico foram sendo deixados para trás. Instalou-se o desânimo e o medo da dispersão final. O trabalho constante e o fato de ganharem alguns jogos deu-lhes novas perspectivas e hoje a equipe do basquete apresenta-se como um grupo de referência, no qual muitos puderam através do esporte superar limitações e voltar a interpretar seus papéis sociais, que estavam esquecidos na paralisação que a deficiência os colocou. Estar novamente inserido, ou reinserido na sociedade através do esporte, proporcionou-lhes dar outros sentidos aos seus papéis conferindo-lhes mobilidade e movimento, passando, por exemplo: de pai-cadeirante para pai-jogador-de-basquete-sobre-rodas. A equipe possui suas potencialidades para chegar ao momento da Organização, porém, como ainda se encontram na Fraternidade-Terror isso não é passível de acontecer. Entretanto pode-se perceber que esses personagens já passaram por várias metamorfoses, quando deixaram de ser jogadores briguentos, para se transformarem em jogadores que

aproveitam o tempo dos encontros para discutir entre si e expor suas opiniões aos colegas, de maneira cordial.

5. Considerações Finais

O presente trabalho, desenvolvido com os paradesportistas, proporcionou um grande ganho pessoal, tanto de emoções, de conhecimentos e da quebra de muitos preconceitos, os quais a sociedade introduz nos cidadãos em relação aos deficientes físicos, pois muitas vezes pensamos que são incapazes de realizar atividades físicas, se locomover e serem ativos socialmente. Estar entre eles nos mostra o quanto ainda convivemos com concepções atrasadas e até mesmo cristalizadas, de deficientes que não conseguem ser independentes ou se desenvolver a partir de sua limitação. Eles nos mostram o quanto superaram estes preconceitos impostos si próprios quando sofreram as lesões, mas também como é grande o trabalho para quebrar os preconceitos da sociedade. Lutar pelos seus direitos de locomoção e de uma vida digna como cidadãos, é uma batalha que travam a todo momento. Estar com deficientes, nos mostra o quanto somos frágeis, o quanto somos julgadores sem conhecimentos e o quanto a superação pode ser transformadora e maravilhosa, mudando vidas e dando sentido para coisas que muitas vezes deixaram de ter importância. É poder olhar para nossa própria vida e poder enxergar que paralisados estamos nós, com pensamentos tão preconceituosos de pessoas que superam a vida a cada dia. É poder enxergar a vida de outra maneira, e ver o quanto eles ainda nos tem a ensinar, pois em algumas vivências, ainda somos aspirantes. É nessa situação que percebemos a intensa necessidade de recursos para expandir essas possibilidades e tornar esse esporte amador em atividade profissional, pois só assim serão de fato valorizados socialmente.

Referências Bibliográficas

- CIAMPA, A. C. A Estória do Severino e a História da Severina: Um ensaio de Psicologia Social. 2 ed. SP: Brasiliense, 1990.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. Psicologia Social: O homem em movimento. SP: Brasiliense, 1984.
- HELLER, A. O Cotidiano e a História. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LANE, S. T. M. O Processo Grupal. In: Psicologia Social: O homem em movimento. SP: Brasiliense, 1984.
- REBOREDO, L. A. De Eu e Tu a Nós. 2 ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.